

DISCURSO pronunciado no Teatro Municipal de Belo-Horizonte, em 6 de setembro de 1936, na manifestação grandiosa promovida pelos Congregados Marianos do Rio, São-Paulo, Minas-Gerais aos operários católicos do Brasil,

Meus caros Congregados.

O vosso virtuoso e dedicado Diretor, ilustrado e digno **Condottiere** espiritual da mocidade mariana de São-Paulo, Revmo. P. Irineu Cursino de Moura, ao me oferecer gentilmente a palavra, exteriorizou de uma forma indelével a sua imensa bondade, tão imensa que o levou a me chamar Doutor Carlos Santos. E no entanto, meus amigos, eu me sinto bem em vos declarar que não sou doutor, ou melhor, que sou doutor, sim, mas formado numa das mais nobres, dignificantes e expressivas academias — a Oficina. Se tenho algum diploma, êsse sempre me acompanha, ei-lo: são as mãos calosas e grosseiras, atestando o meu curso tirado entre a poeira negra das forjas, nesta ciência que enobrece, que dignifica, que exalta e que glorifica o homem — o Trabalho.

Desprezada essa circunstância, eu não sou doutor, e se me encontro hoje revestido da dignidade de membro do Parlamento do meu glorioso Estado natal, é porque os meus companheiros de luta para lá me enviaram, convictos da lealdade, da altivez e do amor à causa bendita dos operários, traços característicos do meu caráter, caráter que eu revigorei no fogo sagrado desta moral sublime, na qual, criança ainda, minha mãe procurou me amoldar — a moral de Cristo.

Mocidade amiga e irmã.

O trabalhador católico do Brasil, aquí, neste segundo Congresso Eucarístico Nacional, tão dignamente re-

presentado, me outorga a incumbência honrosa de intérprete do seu sentir, para agradecer as expressões carinhosas e animadoras, as palavras de solidariedade e de fé do vosso culto orador, êsse Congressista ilustre e parlamentar dos mais brilhantes, eloqüente expressão de paulista gente, Doutor Moraes de Paiva.

E que forma melhor de estereotiparmos a nossa gratidão senão consubstanciando tôda a nossa fé e todo o nosso patriotismo em acordes belíssimos e harmoniosos para transformá-los depois num hino festivo de ações de graças a Deus pelo ensejo feliz, que a todos nós prodigalizou, de assistirmos a essa extraordinária parada de amor a Cristo Hóstia, que está sendo o segundo Congresso Eucarístico Nacional, no qual ressalta, como um ato emocionante de desagravo a Jesús Eucarístico pelos ultrages e sacrilégios de que Êle tem sido vítima adorável, a consciência tradicionalmente cristã e católica do povo brasileiro?

E Minas, meus irmãos, alterosa e culta, cavalheiresca e hospitaleira, é bem o altar aurifulgente, ante o qual a alma brasileira queima e faz subir aos céus, o incenso puríssimo da sua adoração a Jesús Cristo, Rei dos reis. Concentração vigorosa das fôrças vivas do exército de Cristo, Minas, em quem eu saúdo a geração rediviva da inconfidência, arranque soberbo que bem retrata os anseios de liberdade e de independência da nossa gente, Minas em quem eu não sei o que deva mais saüdar, se o cavalheirismo do seu povo, se a vibração e o patriotismo dos seus filhos, ou se as enormes reservas de moral e de civismo que a sua gente encerra. Minas abriu carinhosamente os seus braços para receber no seu seio amigo e generoso aos brasileiros vindos de todos os recantos da Pátria estremecida, para aquí se misturarem, confundindo-se na apoteose deslumbrante e embriagadora da sua fé no Deus dos exércitos, ou melhor, para envolver as suas almas nesta fogueira de amor e de adoração ao Cristo

Eucarístico, imprimindo assim uma das mais belas páginas do grande livro da nossa espiritualidade.

Eu vos agradeço, meus caros Congregados, essa impressionante manifestação de aprêço, que nos trazeis, e tanto mais essa manifestação nos sensibiliza quanto mais nós sentimos que ela representa um sêlo de ouro estreitando ainda mais, num batismo de fraternidade e de amor, a união dêste punhado de representantes do proletariado católico do Brasil, que trouxeram para aquí, os do norte, no calor do seu clima cálido, o fogo do seu amor ao Brasil, os do centro tôdas as vibrações profundas de quem vive no coração e no cérebro do Brasil e os do sul, perfumados pelo frescor das nossas campinas verdejantes, as esperanças risonhas nos destinos do Brasil.

E confesso-vos que, como modesto circulista que sou, me sinto bem em falar assim à mocidade mariana do Brasil, porque essa obra monumental, hoje espalhada Brasil afora, que são os Círculos Operários, nasceu na formosa e sublime cidade de Pelotas sob a inspiração de um grupo dedicado de Congregados Marianos, existindo, pois, como bem vêdes, uma estreita conexão entre as nossas obras que, afinal, nada mais são do que uma só e a mesma obra — a dilatação do reino de Cristo na terra. Meus amigos, para felicidade nossa, o Brasil ainda não está perdido e o espectáculo que Minas ora nos oferece é disso uma prova exuberante. Porisso, mais uma vez vos agradecendo essa manifestação carinhosa de solidariedade espontânea que nos trazeis, eu vos concito, para a glória de Deus, para o bem do Brasil, da Sociedade, da Família e do próprio Indivíduo, sempre que se tratar da defesa da moral de Cristo, do Evangelho de Cristo e da civilização multissecular de Cristo, hoje mais do que nunca combatida e negada, façamos nossos os versos do poeta repetindo com êle: — Viver é lutar — Se o duro combate — Os fracos abate — Aos fortes aos bravos — Só pode exaltar.

Disse.

**DISCURSO pronunciado na Assembléia Geral
do Sindicato dos Operários em Panifi-
cação, em 4 de outubro de 1936.**

Meus companheiros

Meus irmãos de luta e de ideal

Atendendo a gentil convite, tenho hoje a imensa satisfação de falar pela vez primeira, à nobre e valorosa classe dos operários em panificação de Pôrto-Alegre. E tanto maior é a minha satisfação, quanto mais profunda é a certeza que eu tenho da sábia e patriótica, elevada e sincera orientação que envolve êsse Sindicato, o que, sem dúvida, representa fator preponderante na vida e nas realizações da vossa prestimosa entidade de classe.

Meus amigos, a vida contemporânea, a vida que vivemos agora e que se caracteriza pela grande tragédia, de que o mundo é teatro, surgiu do egoísmo humano desde quando o homem, encerrando-se dentro de um individualismo condenável, se esqueceu de que, dadas as fraquezas, maldades e misérias inerentes à nossa natureza, o homem culminaria absorvido por êsse mesmo individualismo. No efeito se refletiu tôda a maldade da causa. E o homem tenta recuar, mas, se ainda seja tempo, não o sei. Compreendo apenas que, sentindo a necessidade ou melhor "a obrigação que tem de preencher na sociedade uma certa função em razão direta do lugar que nela ocupa", o homem contemporâneo, na eloqüente expressão do ilustre patricio Dr. Lindolfo Color, vai saindo "fatalmente do empirismo individualista, desordenado e estéril, que começou a bater em retirada há quase meio século, para ingressar no mundo da cooperação social".

— 162 —

O Sindicato

Órgão representativo da classe trabalhadora, centro nuclear da defesa social e econômica do operário, expressão jurídica como função coordenadora das energias e atividades do homem do trabalho, o sindicato entre nós, a-pesar-de inúmeras dificuldades que se vêm antepondo à sua consolidação, já se reveste do característico de fôrça viva, influenciando até nos próprios destinos da pátria brasileira.

Conglobado de indivíduos que se reünem despidos de preocupações políticas ou religiosas, o sindicato congrega apenas homens do trabalho que, respeitando-se mutuamente nas suas ideologias, se abraçam e marcham unidos para a conquista do “direito novo”. Corporificação de uma prerrogativa plasmada, há 18 anos no tratado de Versalhes, do qual o Brasil é signatário, o direito de associação dos trabalhadores em tôrno do seu órgão de classe e, conseqüentemente, todos os benefícios emanados dêsse direito, não se pode negar que é, não obstante, uma legítima decorrência da arrancada outubrina, razão de ser da expressiva denominação de Ministério da Revolução, dada ao Ministério do Trabalho.

Sindicato e partido

“Se o homem é a causa material da sociedade, isto é, aquilo com que se faz a sociedade, a causa final desta é o bem comum dos homens reünidos em sociedade”. Assim define um ilustre pensador patricio um dos elementos lógicos da sociedade. Ora, entre as fôrças que formam a sociedade, destacam-se, pelo valor inconfundível de que se revestem, a economia e a política e, a-pesar-da estreita conexão existente entre essas duas fôrças entre nós, e pela estrutura básica do nosso sindicalismo, elas formam, diria quase, expressões diversas, consubstanciando-se a economia no sindicato e a política no partido, e ambos,

cada um no seu setor, procuram alcançar a finalidade suprema da sociedade, da qual são partículas avantajadas, e que é, na expressão de J. Credt, “a união moral de muitos em busca do bem comum”.

O partido divide a opinião pública, agrupando os indivíduos em torno de ideologias políticas, religiosas, sectárias ou filosóficas. Estabelece os princípios basilares dos regimes. Tem um programa definido e uma bandeira desfraldada à sombra dos quais só se abrigam aqueles que comungam do mesmo ideal.

O sindicato, ao contrário, une a opinião da classe, congrega a classe isto é, congrega o todo, porque o sindicato não pesquisa a concepção ideológica do indivíduo, e por mais absurda que ela seja, não impede ao homem de se refugiar sob a guarda do sindicato. Basta que esse homem se revista de uma única condição — a de salariado.

O partido é idéia, o sindicato é trabalho, como já disse alguém, “o trabalho não tem côr política assim como a idéia não tem profissão. E tão absurdo seria dizer-se, por exemplo, Partido dos Fazendeiros como ridículo seria dizer-se Sindicato dos Republicanos”. Desviar, pois, as atividades sindicais para fins políticos é negar a própria essência de um sindicalismo que se formou exclusivamente para a defesa dos interesses de ordem econômica, cultural, jurídica e higiênica, mais do que isso, é fracionar a classe, homogênea nas suas aspirações econômicas e heterogêneas nas suas tendências ideológicas, política e religiosamente falando, enfraquecendo-a e anulando mesmo a força da sua expressão sob o influxo pernicioso de um partidarismo divisivo.

Sindicato e regime

Forma estatal da nação, o regime é a essência mesma do poder constituído. E se entre nós o sindicato foi feito pelo regime, órgão de colaboração com o poder no

estudo e solução das questões que interessam as classes sindicalizadas, não cabem, por certo, dentro do sindicato quaisquer outras tendências, contrárias, sejam de que forma fôrem, ao regime.

Negar isso é ou ingenuidade ou malícia, é mentir ao trabalhador que se sindicalizou com a convicção exata e sincera do sentido verdadeiro do sindicato, mais ainda, é trair os mais elementares princípios de liberdade de consciência, dessa liberdade em que eu descortino a pedra angular da vitória da sindicalização no Brasil, liberdade de consciência que não esmaga as formas contrárias de pensar, mas que termina lá onde começa o direito alheio.

A ilegalidade, porém, da oposição ao regime dentro do sindicato não equívale à humilhante passividade, isto é, que o sindicato não deva reagir com independência e altivez, dentro da ordem, contra aqueles que, escudados cínicamente no regime, deturpam-no num reacionário entrave às justas, legítimas e humanas aspirações das classes sindicalizadas. Ao contrário, o sindicato tem o dever de defender o regime, desassombradamente, batendo-se pela posse e gôzo de todos os benefícios que o mesmo oferece ao homem do trabalho.

O sindicato e a representação classista

Pela primeira vez no Brasil, depois de quase meio século de república, surgiu após 30, a representação de classe no Parlamento Federal e nas Assembléias Estaduais. Coube ao sindicato a tarefa da escolha dos deputados de classe, por intermédio dos seus delegados eleitores. O deputado classista deve, pois, ser a expressão do sindicato que o elegeu. Daí a conclusão de que, não obstante a sua igualdade de condição aos deputados políticos, êle é, antes de tudo, um representante de classe, e a defesa da classe deve, portanto, ser a preocupação sincera do seu mandato. E ninguém de boa fé pode admitir que um deputado mandatário de grupos que se iden-

tificam apenas pelo prisma econômico, possa sinceramente, no exercício do seu mandato, defender a política partidária de A, atacar a contrária de B, ou se submeter às imposições sectárias de C, antagônicas às duas primeiras, se A, B e C, no seio dos seus representantes, contam com uma legião de adeptos.

Homens saídos das fábricas e das oficinas, dos campos, das praias e dos balcões, dos deputados classistas não se pode, por certo, esperar cultura aprimorada nem robusta mentalidade, e nem é mister.

Para bem cumprir o desejo do legislador, ao regulamentar o decreto 22.653 de 20 de abril de 1933, basta que o deputado classista seja formado numa única ciência, a do trabalho, e que se amolde a um único sentimento, à lealdade.

Afiguram-se oportunas as declarações do digno co-estaduano, dr. Salgado Filho, então ministro do Trabalho, e pronunciadas na instalação da comissão de funcionários designada para executar os serviços preliminares e finais das eleições dos representantes profissionais. “Percebendo, disse S. Excia., que se queria transformar a representação profissional em representação política, organizando-se sindicatos de emergência, para fins exclusivamente eleitorais, quis o Governo pôr um paradeiro às manobras que não correspondiam nem podiam corresponder, de modo algum, aos seus elevados intuitos, que são os de grangear, como colaboradores na confecção da futura Constituição, elementos produtores, não só oriundos do Capital como também emanados do Trabalho, Capital e Trabalho que, unidos num só esforço, são promotores do engrandecimento do nosso país. Deu com isso o Governo uma demonstração de que quer realmente o apôio desses fatores imprescindíveis e importantes na organização futura da nossa pátria. Tão importantes considera o Governo êsses fatores que deseja auscultar, conhecer e organizar seguramente a vontade dos profissionais, para que não seja deturpada essa metodização

— 166 —

por sentimentos ocasionais que visam mais os indivíduos que as profissões”, e terminando disse ainda S. Excia., “é um ponto básico, ponto de honra para o Govêrno que no seu alto patriotismo quer firmemente sejam eficientes os seus colaboradores escolhidos para a Assembléia Constituinte e não simples votante ao sabor do mesmo Govêrno”.

Desnecessário se torna ressaltar o valor da indispensável cooperação do sindicato no sentido do bom êxito da representação profissional na Câmara Federal e nas Assembléias Estaduais. O sindicato deve ser o traço de união entre as classes que lutam pela vitória das suas reivindicações e os classistas que devem defendê-las nas legislativas federal e estaduais.

Nesse sentido eu vos lanço, mais uma vez, o meu caloroso apêlo.

O Sindicato e a legislação trabalhista

Um dos problemas que mais preocupam os sindicatos é a falta de cumprimento das leis sociais. Reação, eu diria quase, natural daqueles que não se amoldaram ainda, por impêrvia obstinação, à marcante transição social da hora que passa.

Além da eficiência dos funcionários encarregados da fiscalização do cumprimento das leis sociais e do zêlo do Ministério do Trabalho, cabe ao sindicato, pela unificação da classe, a tarefa de se erguer também como muralha em defesa do cumprimento das leis sociais.

As classes mais favorecidas do que a nossa e, até certo ponto, mais poderosas para a defesa dos seus intêresses, unem-se em associações que congregam, se não a totalidade, pelo menos a grande maioria dos seus membros. E realizam as suas aspirações, e vencem e triunfam em tôda a linha, porque essas entidades encarnam de fato a expressão das classes que representam.

— 167 —

Os nossos sindicatos devem agir de igual forma. Desenvolver uma intensa campanha para que dentro do sindicato, e não fora, como é comum a muitas classes, esteja a grande maioria dos seus membros. E quantas vezes, meus amigos, é o próprio operário, não sindicalizado, que vai unir-se ao empregador pouco escrupuloso e instruí-lo no combate às justas aspirações do sindicato de classe. A falta de cumprimento das leis sociais, pode-se afirmar, é, em grande parte, produto da falta de união dos trabalhadores no seu sindicato, da falta de interêsse do trabalhador pelos seus próprios destinos.

Conclusão

O que, pois, precisamos, meus companheiros, é racionalizar o nosso sindicalismo, é trabalhar leal e decididamente pela vitória completa da sindicalização no Brasil, mas da sindicalização brasileira, para brasileiros e de brasileiros, sindicalização que seja o que nós somos e não aquilo que outros povos, que tiveram a infelicidade de perder a sua liberdade, querem que nós sejamos. Sindicalismo que não transforme o homem em bruto. Sindicalismo que eleve, que dignifique, que engrandeça, que enobreça e que bem conduza o trabalhador. Sindicalismo que se transforme em pedestal de granito para receber sôbre si o monumento majestoso da Pátria feliz, livre, respeitada e admirada.

Eu bem sei que é êsse o sindicalismo que ilumina as vossas almas de bons brasileiros e de trabalhadores conscientes de si. Eu sei que é essa a bandeira dos operários em panificação de Pôrto-Alegre.

Eu lí, prenehe de emoção e entusiasmo, os pontos principais do programa sindical, contido no vosso manifesto dirigido à classe padeiral. Quero dar-vos neste momento, como de fato dou, a minha inteira solidariedade nesta cruzada humana e patriótica a que vos dispusestes.

Perto de vós a gente ama a luta e bendiz a hora em que começou a lutar. A estrada é recurvada e atulhada de vicissitudes. Vicissitudes, meus amigos é a ausência em nós da noção exata dos nossos deveres e dos nossos direitos e que tão deploráveis resultados têm trazido às nossas entidades trabalhistas; vicissitudes é êsse fenómeno psicológico tão freqüente nos meios trabalhistas de negar crédito aos nossos autênticos valores, para nos entregarmos de corpo e alma aos demagogos estranhos à nossa classe, e que só descem até nós para explorar tanto quanto possível aos “pobres diabos”; vicissitudes é a falta do conhecimento que nós temos do nosso próprio valor como operários e como cidadãos; vicissitudes é o desprezo que nós votamos ao livro e à instrução; vicissitudes, enfim, é a ausência de uma concepção exata dos benéficos resultados da união, essa palavra mágica que transpõe barreiras, que desconhece obstáculos, que realiza prodígios, que significa vitória, vida, grandeza, valor e fôrça. De tudo isso, meus irmãos, a estrada está cheia.

Mas, não importa. Se o que vos impele à conquista magnânima do ideal que vos congrega não é apenas uma ilusão vaga e abstrata da consciência ou melhor um simples e passageiro desejo, se o que vive, palpita e vos intumece a alma é a ação viva e impulsiva que caracteriza a vontade férrea de vencer, meus irmãos, podeis estar certos de que vencereis — e convosco estarão os vossos deputados de classe.

Proseguí, pois, nesta rota segura e acertada, porque com o civismo e com a fé que tendes no porvir, após as pedras inúmeras que encontrareis na recurvada estrada, os vossos olhos hão de se banhar, por certo, no esplendor da deusa que todo o mortal procura àvidamente, essa deusa que muitos consideram um mito, mas que na realidade existe, porém, somente naqueles que gozam da paz íntima do espírito e da consciência, deusa cujos favores de coração eu muito vos desejo e que é, meus amigos e meus irmãos, a deusa Felicidade. Disse.